G20, G7 e OCDE

G20, G7 y OCDE

G20, G7 and OECD

Pedro Burger, Vitória Kavanami, João Miguel Estephanio, Thaiany Medeiros Cury e Nina Bouqvar

Tensões Diplomáticas e Fragmentação Marcam Reunião de Ministros das Relações Exteriores do G20 em Atlanta

Las tensiones diplomáticas y la fragmentación marcan la reunión de ministros de Asuntos Exteriores del G-20 en Atlanta

Diplomatic Tensions and Fragmentation Mark the G20 Foreign Ministers' Meeting in Atlanta

Resumo: O presente informe analisa os resultados da Reunião de Ministros das Relações Exteriores do G20, realizada em Atlanta sob a presidência dos Estados Unidos. O texto detalha a tentativa norte-americana de reorientar o fórum para temas econômicos e de segurança estrutural, com ênfase em energia nuclear, cadeias de suprimento e rotas marítimas. Paralelamente, o texto expõe a profunda crise de consenso que marcou o evento, evidenciada pelo boicote diplomático ao chanceler russo Sergey Lavrov, pelos embates em torno da Ucrânia e do Oriente Médio, e pelo esgotamento da coesão interna do bloco. O documento conclui avaliando como a paralisia decisória do G20 tem impulsionado a articulação de alianças paralelas, projetando um cenário de alta complexidade e confrontos para a Cúpula de Líderes na Flórida.

Palavras-chave: G20; EUA.

Resumen: *El presente informe analiza los resultados de la Reunión de Ministros de Asuntos Exteriores del G-20, celebrada en Atlanta bajo la presidencia de Estados Unidos. El texto detalla el intento estadounidense de reorientar el foro hacia temas económicos y de seguridad estructural, con especial énfasis en la energía nuclear, las cadenas de suministro y las rutas marítimas. Al mismo tiempo, el texto expone la profunda crisis de consenso que marcó el evento, puesta de manifiesto por el boicot diplomático al ministro de Asuntos Exteriores ruso, Sergey Lavrov, por los enfrentamientos en torno a Ucrania y Oriente Medio, y por el agotamiento de la cohesión interna del bloque. El documento concluye evaluando cómo la parálisis decisoria del G-20 ha impulsado la formación de alianzas paralelas, lo que augura un escenario de gran complejidad y enfrentamientos para la Cumbre de Líderes en Florida.*

Palabras clave: *G20; USA.*

Abstract: *This report analyzes the results of the G20 Foreign Ministers' Meeting, held in Atlanta under the U.S. presidency. The text details the U.S. attempt to refocus the forum on economic and structural security issues, with an emphasis on nuclear energy, supply chains, and maritime*

routes. At the same time, the text highlights the profound crisis of consensus that marked the event, evidenced by the diplomatic boycott of Russian Foreign Minister Sergey Lavrov, the clashes over Ukraine and the Middle East, and the erosion of the bloc's internal cohesion. The document concludes by assessing how the G20's decision-making paralysis has fueled the formation of parallel alliances, painting a picture of high complexity and confrontation for the Leaders' Summit in Florida.

Keywords: *G20; USA.*

Em um cenário de continuidade das tensões e incertezas decorrentes dos últimos encontros ministeriais de Houston e Milwaukee, o presente informe examina os desdobramentos da Reunião de Ministros das Relações Exteriores do G20, realizada em Atlanta, no estado da Geórgia, nos dias 30 e 31 de outubro de 2026. Confirmando as expectativas de que a agenda norte-americana seguirá enfrentando forte oposição diplomática rumo à Cúpula de Líderes na Flórida, a reunião assumiu o lema "de volta ao básico", em uma tentativa da presidência anfitriã de redirecionar as atenções do fórum para o enfrentamento dos grandes desafios econômicos e a formulação de soluções conjuntas voltadas ao crescimento global, à segurança econômica e à prosperidade. O encontro coincidiu com as celebrações do 250º ano da independência dos Estados Unidos e contou com uma programação distribuída entre o Georgia Aquarium e o complexo Loews Atlanta, servindo como a principal etapa preparatória política para dezembro. No âmbito da representação diplomática, a Casa Branca promoveu a inclusão da Polônia como participante plena nas deliberações, justificando a decisão pelo expressivo crescimento econômico do país e por sua importância estratégica para a arquitetura de segurança da região.

A recepção de boas-vindas foi conduzida pelo Secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, que utilizou a trajetória de Atlanta como símbolo da engenhosidade produtiva e comercial. Rubio resgatou as origens da cidade como um modesto entroncamento ferroviário e relembrou a sua devastação durante a Guerra Civil, creditando a reconstrução que a ergueu ao status de potência comercial ao esforço de seu povo e a um modelo calcado na liberdade econômica. Com base nesse histórico, o Secretário argumentou que o dinamismo da região Sul dos Estados Unidos resulta de escolhas políticas voltadas à remoção de entraves regulatórios e ao estímulo à inovação, fundamentos que guiam a atual agenda global da administração norte-americana, estruturada em torno da busca por segurança energética, desregulamentação administrativa, fortalecimento das cadeias de suprimento e expansão de tecnologias.

Em sua intervenção na sessão plenária sobre questões geopolíticas, Rubio diagnosticou o contexto global contemporâneo como um momento de escolha decisivo para as lideranças internacionais. Sustentou que as múltiplas crises econômicas e geopolíticas em curso interagem de forma a desestabilizar o fornecimento internacional de energia e alimentos, fragilizando mercados e ameaçando o exercício da livre navegação. Dessa forma, os debates do encontro estruturaram-se em torno de três prioridades táticas traçadas pelo país anfitrião: segurança energética, resiliência da cadeia de suprimentos e as tensões nos estreitos de Ormuz e Bab al-Mandeb, com a aplicação de um modelo objetivo de sessões, em que as delegações expressaram suas posições em intervenções de três minutos.

Figura 1 – Marco Rubio, Secretário de Estado dos EUA, discursa na abertura da Reunião de Relações Exteriores do G20 em Atlanta.



Fonte: Reuters, 2026

O eixo condutor dos trabalhos cristalizou-se na publicação de uma Declaração da Presidência do G20 (*Chair's Statement*), documento que prioriza a segurança energética como pressuposto inalienável do progresso econômico mundial. A declaração assevera que inexiste possibilidade de prosperidade na ausência de sistemas energéticos robustos e critica as políticas estatais que impõem obstáculos artificiais à geração de energia, argumentando que a imposição de custos à eletricidade e aos combustíveis impacta imediatamente o nível de vida das populações. Diante da expansão rápida da demanda movida pelo adensamento demográfico, pelas necessidades de refrigeração e de transporte e pelo excepcional consumo do setor de tecnologia da informação e inteligência artificial, o documento preceitua que a energia deve ser abundante e financeiramente acessível, fatores tidos como determinantes para a competitividade industrial. Para estruturar um fornecimento de base confiável de energia, a declaração dedicou atenção às soluções proporcionadas por tecnologias emergentes, assinalando em particular a energia nuclear civil por intermédio do desenvolvimento de pequenos reatores modulares e microreatores, pontuando que essa alternativa não se constitui obrigatoriamente na escolha de todas as nações. O texto estabeleceu, por conseguinte, a garantia da soberania incondicional na estruturação das matrizes energéticas nacionais, com base na premissa de que a trajetória particular de uma economia soberana não pode estar sujeita à imposição de diretrizes externas.

No âmbito da resiliência das cadeias de suprimento, a declaração dividiu a análise da dependência internacional em três estratos de insumos fundamentais. O primeiro trata dos fertilizantes, considerados vitais para a produção agropecuária e o suprimento de alimentos. O segundo estrato contempla as matérias-primas elementares exigidas para a sustentação da infraestrutura manufatureira, e o terceiro segmento engloba os minerais críticos, sem os quais torna-se inviável a expansão tecnológica e da infraestrutura energética. Em resposta aos gargalos operacionais da economia, os ministros recomendaram a agilização da emissão de licenças operacionais e a redução dos custos e dos procedimentos regulatórios em âmbito doméstico.

A atração de capitais e os investimentos de longo prazo exigirão dos Estados, conforme o texto, a oferta de cenários contratuais mais estáveis e de parcerias com capitais do segmento corporativo privado voltadas às etapas de processamento, purificação química e

reaproveitamento dos minerais estratégicos. Já as dinâmicas geopolíticas resultaram no imperativo de manter a liberdade de trânsito em todos os corredores marítimos estratégicos, para assegurar a fluidez e prevenir um novo quadro de desorganização setorial, análogo às fortes disrupções no suprimento energético que abalaram o cenário internacional no primeiro semestre de 2026. A declaração expressa ainda severa condenação das medidas coercitivas, por ocasião das quais autoridades governamentais decidem, em resposta aos confrontos geopolíticos, obstruir ou impor barreiras às correntes de mercado de gêneros agropecuários e alimentícios, chancelando a rejeição integral do emprego de produtos fundamentais à segurança nutricional como arma nas mesas de pressão da diplomacia internacional.

Por fim, no campo da cooperação para a salvaguarda da saúde global, a Declaração elogiou os resultados e os profissionais comprometidos com o empenho diplomático no combate ao surto do vírus Ebola na República Democrática do Congo, destacando o alcance de dois bilhões de dólares acumulados durante as rodadas dedicadas ao combate, realizadas em reuniões no âmbito do governo dos Estados Unidos. O termo de encerramento do encontro estendeu congratulações e elogios às autoridades pelo amparo logístico prestado e pela tradição esportiva de Atlanta, projetando a continuidade dos trabalhos na cúpula de Miami e a futura presidência do Reino Unido no bloco em 2027.

Além disso, a finalização oficial das atividades foi marcada por uma extensa entrevista coletiva concedida por Marco Rubio, na qual o Secretário detalhou as tensões subjacentes ao fórum diplomático. Em seu diagnóstico, o principal avanço do encontro residiu no reconhecimento unânime dos problemas globais críticos, muito embora persista uma profunda divergência entre os membros quanto às causas dessas crises e às soluções estruturais necessárias. No tocante às ameaças à segurança marítima, Rubio denunciou abertamente o regime iraniano por atacar embarcações comerciais com drones e mísseis, destacando a atuação quase diária dos Estados Unidos para assegurar o fluxo internacional de combustíveis. O diplomata reiterou a oposição frontal ao desenvolvimento de armamento nuclear por parte de Teerã, apontando o país como a principal fonte de instabilidade regional, por meio do financiamento de grupos armados iraquianos. Embora tenha indicado abertura para mediações diplomáticas mediadas pelo Catar, Rubio frisou que a busca por vias pacíficas não comprometerá a segurança nacional norte-americana.

As margens do evento multilateral em Atlanta também serviram de palco para intensas articulações paralelas. Os Estados Unidos reuniram-se com os parceiros do Fórum Quad, congregando Índia, Japão e Austrália, resultando no anúncio de avanços em ajuda humanitária, resposta a desastres, conscientização marítima e na criação de um fórum empresarial, além da previsão de uma futura cúpula em Manila. O Secretário de Estado procurou desvincular a iniciativa de um caráter militar, definindo o Quad como uma coligação contrária a comportamentos de coerção econômica, e não como uma aliança direcionada contra a China. Em outra frente asiática, uma reunião trilateral com o Japão e a Coreia do Sul culminou na assinatura de um memorando de cooperação para a Parceria Transnacional Ártico-Pacífico, com o objetivo de manter a região do Ártico pacífica, comercial e livre de reivindicações de soberania.

A presença do chanceler russo Sergey Lavrov e o conflito na Ucrânia pautaram parte substancial dos questionamentos. Rubio justificou que a busca por uma paz negociada exige a manutenção de canais de diálogo com ambas as partes, confirmando ter mantido uma breve conversa informal com Lavrov sobre a organização de fóruns futuros. O Secretário descreveu a gravidade da guerra citando estimativas de vinte mil baixas russas mensais e os sucessivos

ataques contra a infraestrutura energética de Kiev, revelando que a diplomacia norte-americana analisa propostas apresentadas pela Turquia e pela Índia para o estabelecimento de garantias de tráfego seguro de alimentos e energia no Mar Negro.

A despeito da justificativa diplomática apresentada por Washington para o convite à representação de Moscou, os bastidores da reunião evidenciaram profundas fraturas e instabilidades. A tensão provocada pela participação de Lavrov levou o Departamento de Estado norte-americano a cancelar a tradicional fotografia oficial do evento, na tentativa de evitar a exposição pública das divisões. Cerca de um terço das delegações, incluindo representantes da União Europeia, do Canadá e da Austrália, recusou-se categoricamente a posar ao lado do chanceler russo. A gravidade do isolamento foi vocalizada antes mesmo da primeira sessão pelo ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Johann Wadephul, que declarou ser impossível manter qualquer noção de normalidade nas relações com a Rússia, sentimento que o próprio Lavrov admitiu perceber perante os pares em plenária. O boicote europeu refletiu, de maneira subjacente, o forte descontentamento do bloco com decisões recentes de Donald Trump, marcadas pelo alívio de sanções econômicas e pela retomada de compras de diesel russo.

O clima de hostilidade transbordou inequivocamente para as sessões de debate. O Secretário do Exterior britânico, Ed Miliband, confrontou Lavrov diretamente no salão diplomático, acusando o regime russo de vitimar civis inocentes ao citar um ataque de drones que resultou na morte de quinze pessoas na véspera do encontro, interpelando-o abertamente como o agressor inquestionável da guerra. Em resposta, o chanceler reafirmou que as premissas de Moscou permanecem inalteradas e que a presença da Ucrânia como força militar constitui uma ameaça existencial inaceitável à segurança russa. Embora a representação de Kiev não tenha sido convidada para o encontro e tenha enfrentado desentendimentos paralelos com Washington sobre os serviços de comunicação via satélite da Starshield, a Ucrânia dominou os debates de segurança. Os Estados Unidos anunciaram a venda de um pacote bilionário de mísseis interceptadores Patriot para fortalecer as defesas ucranianas, enquanto a chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, demandou perante os presentes a criação de um Tribunal Especial para a responsabilização jurídica da Rússia.

Somado ao cenário no Leste Europeu, o risco iminente de desestabilização no Oriente Médio contribuiu decisivamente para o travamento do fórum. Diplomatas ocidentais relataram um temor generalizado de que eventuais operações militares norte-americanas direcionadas contra o Irã pudessem desencadear um choque imediato nos preços do petróleo, aprofundando o quadro de vulnerabilidade econômica global. A somatória desses embates diretos inviabilizou a construção de uma base mínima de entendimento, impedindo, de forma contumaz desde a invasão de 2022, a emissão de uma Declaração Conjunta endossada pelos membros do G20 e limitando os resultados institucionais à publicação da Declaração da Presidência norte-americana.

A coletiva também serviu para o detalhamento pontual de outras pautas bilaterais, incluindo questionamentos sobre a situação do ex-senador brasileiro Flávio Bolsonaro. Rubio confirmou ter conversado com o chanceler do Brasil durante as sessões e esclareceu que o governo norte-americano não teve qualquer envolvimento nos arranjos que permitiram a saída do parlamentar do território brasileiro. O Secretário informou, no entanto, que após a chegada do ex-senador a um porto de entrada, o presidente Trump autorizou a concessão do status de parole para permitir o seu ingresso regular nos Estados Unidos. A agenda periférica cobriu ainda a disposição presidencial de dialogar com o líder norte-coreano Kim Jong-un, a manutenção de

acordos estratégicos com a Dinamarca relativos à Groenlândia, e o andamento de tratativas com o Paquistão diante das tensões de fronteira com o Afeganistão administrado pelo Taliban.

Contudo, a impossibilidade de convergência no documento central revelou a magnitude do racha estrutural que hoje impera no fórum. Conforme avaliações de especialistas colhidas pela imprensa internacional, a exemplo da análise da ex-economista-chefe do Departamento de Estado norte-americano, Heidi Crebo-Rediker, a paralisia do G20 reflete a ruína da dinâmica histórica de coesão do bloco ocidental. Ao longo da última década, por exemplo, os Estados Unidos e seus aliados do G7 consolidavam posições unificadas previamente para conduzir as diretrizes globais nas reuniões ampliadas. O encontro em Atlanta desnudou o completo esgotamento desse modelo, corroído por discordâncias internas entre os próprios parceiros europeus quanto à política externa da Casa Branca e pela busca pragmática de potências médias, como Brasil e Índia, por maximizar interesses diante da intensa competição hegemônica entre Washington e Pequim.

A inviabilidade de consensos multilaterais amplos forçou os Estados Unidos a ancorar o avanço de sua agenda econômica e de segurança na diplomacia de nicho e em parcerias ad hoc. Estratégias paralelas, a exemplo dos encontros do Quad e da formatação da iniciativa Pax Silica, estruturada para romper o monopólio chinês sobre as cadeias de minerais críticos, passaram a substituir a construção coletiva por coalizões segmentadas. A constatação de que o G7 já não opera com unidade de propósitos e de que os blocos de poder atuam de forma isolada consolida a maior fragmentação geopolítica já vivenciada na história institucional do bloco. Esse panorama de antagonismo aberto projeta um cenário de alta complexidade para a Cúpula de Líderes na Flórida, delineando um encontro em que a disputa por influência se sobreporá à cooperação tradicional que fundamentou a criação do fórum.

Referências

Reuters. (2026a, 30 de outubro). G20 foreign ministers skip photo op amid objections over Russia. https://www.reuters.com/world/g20-foreign-ministers-skip-photo-op-amid-objections-over-russia-2026-10-30/

Reuters. (2026b, 30 de outubro). Rifts over wars in Ukraine, Middle East loom over G20 meeting in US. https://www.reuters.com/world/china/rifts-over-wars-ukraine-middle-east-loom-over-g20-meeting-us-2026-10-30/

U.S. Department of State. (2026a, outubro). G20 Chair's statement: G20 Foreign Ministers' Meeting. https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesman/2026/10/g20-chairs-statement-g20-foreign-ministers-meeting/

U.S. Department of State. (2026b, outubro). Secretary of State Marco Rubio at a plenary session on geopolitical issues. https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesman/2026/10/secretary-of-state-marco-rubio-at-a-plenary-session-on-geopolitical-issues/

U.S. Department of State. (2026c, outubro). Secretary of State Marco Rubio at a press availability. https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesman/2026/10/secretary-of-state-marco-rubio-at-a-press-availability-2/

U.S. Department of State. (2026d, outubro). Secretary of State Marco Rubio at the G20 Foreign Ministers' Meeting welcome reception. https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesman/2026/10/secretary-of-state-marco-rubio-at-the-g20-foreign-ministers-meeting-welcome-reception/

U.S. Department of State. (2026e, outubro). Secretary Rubio's travel to Atlanta to host the G20 Foreign Ministers' Meeting. https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesman/2026/10/secretary-rubios-travel-to-atlanta-to-host-the-g20-foreign-ministers-meeting/

G7: segurança, energia e diplomacia na reta final da presidência Francesa

G7: seguridad, energía y diplomacia en la recta final de la presidencia francesa

G7: security, energy and diplomacy in the final stretch of the French presidency

Resumo: Entre 26 de outubro e 8 de novembro de 2026, o G7 preparou a reunião de chanceleres em Paris, transferida de Marselha por causa dos protestos na França. A derrota de Trump nas eleições de meio de mandato e o impasse do acordo do diesel com a Rússia mudaram o contexto do encontro.

Palavras-chave: G7; presidência francesa; Rússia.

Resumen: *Entre el 26 de octubre y el 8 de noviembre de 2026, el G7 preparó la reunión de cancilleres en París, trasladada desde Marsella por las protestas en Francia. La derrota de Trump en las elecciones de mitad de mandato y el estancamiento del acuerdo del diésel con Rusia cambiaron el contexto del encuentro.*

Palabras clave: *G7; presidencia francesa; Rusia.*

Abstract: *Between October 26 and November 8, 2026, the G7 prepared the foreign ministers' meeting in Paris, moved from Marseille due to protests in France. Trump's defeat in the midterm elections and the stalled diesel deal with Russia changed the context of the meeting.*

Keywords: *G7; French presidency; Russia.*

A quinzena de 26 de outubro a 8 de novembro não teve reuniões formais do G7 nem declarações do grupo, mas foi um período de preparação para os próximos dois compromissos da presidência francesa: a segunda reunião de chanceleres e a conferência de doadores para Chernobyl, ambas em 9 e 10 de novembro. No entanto, alguns acontecimentos nesse período mudaram o contexto em que esses encontros ocorrerão: a transferência da reunião de Marselha para Paris, a vitória democrata nas eleições de meio de mandato nos Estados Unidos e o impasse na execução do acordo entre Washington e Moscou sobre o diesel.

Em 5 de novembro, a França informou às delegações que a reunião de chanceleres, prevista para o Palais du Pharo, em Marselha, seria realizada em Paris, por questões de "logística e operacional". Em meio à onda de protestos que a França vem vivendo, desde o movimento iniciado pelos estudantes em setembro, ampliado para manifestações em todo o país, realizar o G7 e o Fórum de Paris sobre a Paz em datas tão próximas exigiria recursos elevados de segurança, hospedagem e transporte. Marselha está entre as cidades que registraram alguns dos episódios mais violentos de saques e confrontos com a polícia ao fim de protestos. Diplomatas ouvidos pela agência classificaram a decisão como "caótica" e avaliaram que ela pode prejudicar a imagem da França (REUTERS, 2026a).

A pauta para a reunião dos chanceleres divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores francês reúne quatro eixos. O primeiro trata das crises internacionais: apoio à Ucrânia, estabilização do Oriente Médio, diversificação e segurança do abastecimento de energia, Sudão, Chifre da África, Venezuela, Cuba, Haiti e Indo-Pacífico. Os demais tratam da segurança marítima e portuária, com a primeira reunião da rede G7+ de portos contra o narcotráfico, em Marselha; da eficiência da ajuda humanitária e da segurança alimentar, com a participação do diretor-executivo do Programa Mundial de Alimentos; e da segurança da

inteligência artificial. Foram convidados Brasil, Egito, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Ucrânia (FRANCE, 2026b). A Ucrânia terá uma sessão própria em 10 de novembro, com o chanceler Andrii Sybiha, dedicada a defesa aérea, apoio financeiro e energia (EVROPEISKA PRAVDA, 2026). Ao embarcar para a França, em 8 de novembro, o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, afirmou que "a segurança global exige ação decisiva" e que Washington pressionará os aliados por maior divisão de encargos (FREE PRESS JOURNAL, 2026).

A reunião ocorrerá dias depois das eleições de meio de mandato de 3 de novembro, nas quais o Partido Democrata conquistou maioria da Câmara e do Senado (CBS NEWS, 2026). Segundo quatro diplomatas do G7 ouvidos pela Reuters, o encontro será a primeira oportunidade para os aliados avaliarem se a derrota de Trump altera a abordagem norte-americana em relação à Ucrânia, ao Oriente Médio e aos parceiros mais próximos. Os ganhos democratas podem reduzir a margem de manobra da Casa Branca, mas os diplomatas alertaram que não se deve esperar uma volta ao multilateralismo tradicional enquanto a política externa seguir sob controle de Trump. Será também a primeira aparição de Marco Rubio diante dos aliados desde as eleições (REUTERS, 2026b).

Já no que tange à conferência de doadores para Chernobyl, copresidida por França, Ucrânia e Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento (BERD), a presidente do banco, Odile Renaud-Basso, reconheceu que completar o financiamento "vai ser um desafio" e afirmou que a segurança nuclear "não é um problema ucraniano". O reparo do Novo Confinamento Seguro, danificado por um drone russo em 2025, custará pelo menos € 500 milhões, dos quais o G7 já prometeu € 260 milhões. As obras precisam ser concluídas até 2030, e o BERD pretende contratá-las em 2028 (KYIV POST, 2026).

O acordo anunciado por Trump em 9 de outubro, que autorizou a importação de diesel russo até abril de 2027 apesar do compromisso do G7 de manter as sanções, mostrou-se difícil de executar. Até 7 de novembro, nenhuma carga havia chegado aos Estados Unidos. Dos quatro navios-tanque enviados pela Rússia desde o acordo, ao menos dois mudaram de rota, um em direção ao Brasil e outro ao Mediterrâneo, e um terceiro alterou seu destino de Nova York para "aguardando ordens". A proibição aprovada pelo Congresso à importação de energia russa continua em vigor, o que gera insegurança jurídica para compradores, portos e bancos. A governadora de Nova Jersey pediu aos operadores portuários que recusem os navios, e parlamentares alertaram as empresas envolvidas sobre possíveis responsabilidades civis e criminais. O Kremlin classificou as notícias sobre os desvios como "falsas" (AL JAZEERA, 2026).

Em paralelo, em 3 de novembro, o enviado norte-americano Steve Witkoff anunciou uma nova rodada de negociações entre Estados Unidos, Ucrânia e Rússia em Abu Dhabi, em 10 e 11 de novembro, com foco em arranjos de segurança pós-guerra, um possível cessar-fogo energético e marítimo e trocas de prisioneiros. Zelensky reiterou que restrições ao exército ucraniano e a neutralidade do país "não estão em discussão" (KYIV INDEPENDENT, 2026). Autoridades da França, do Reino Unido, da Alemanha, da OTAN e da Comissão Europeia pretendem estar em Abu Dhabi, embora não devam participar do formato trilateral. A coordenação europeia, no entanto, demonstrou fissuras quando, em 5 de novembro, a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, alertou que a Europa corre o risco de se tornar irrelevante nos esforços de paz se os Estados-membros continuarem seguindo vias diplomáticas separadas, em vez de acordarem um representante e uma estratégia comuns (REUTERS, 2026b).

Os diplomatas descreveram um quadro sombrio na Ucrânia. Embora a frente esteja em grande parte estabilizada, a Rússia passou a atacar sistematicamente a infraestrutura energética para provocar um apagão nacional no inverno, e a escassez de interceptadores Patriot e de outros sistemas de defesa aérea é hoje a vulnerabilidade militar mais urgente de Kiev. Além da Ucrânia, o Irã deve ocupar espaço central na reunião, já que os aliados têm manifestado ceticismo em relação à guerra e temem que novas ações militares norte-americanas agravem a crise. O encontro também pode expor divergências entre Paris e Washington sobre o Líbano: a França defende um novo arcabouço de segurança com respaldo da ONU para o sul do país, incluindo a hipótese de uma força internacional franco-italiana, diante da resistência norte-americana e do fim dos arranjos atuais, previsto para o fim do ano (REUTERS, 2026b).

No mercado de energia, a perspectiva de um acordo entre Estados Unidos e Irã provocou forte oscilação. O Brent abriu 4 de novembro perto de US$ 104 o barril, caiu para cerca de US$ 94 no dia seguinte e voltou à casa de US$ 100 em 6 de novembro, após relatos de novos ataques a petroleiros em Ormuz. Um alto funcionário iraniano afirmou que Teerã pode reabrir o estreito em dois dias se Washington suspender as sanções ao petróleo e liberar ativos congelados; o vice-presidente JD Vance disse que houve “algum progresso”, mas nenhum acordo foi assinado (THE PRIVATE BANKER, 2026). O relatório de acompanhamento que o G7 solicitou à Agência Internacional de Energia em 2 de outubro segue sem divulgação pública.

A agenda técnica da presidência seguiu com eventos de menor visibilidade. Em 22 de outubro, a França lançou o Museum 7, rede de museus do G7 que pretende fazer da cooperação museal “um instrumento duradouro de diálogo internacional”, com reuniões itinerantes nos países que presidirem o grupo (FRANCE, 2026a). O calendário oficial incluiu ainda o Fórum Mundial pela Democracia, do Conselho da Europa, em Estrasburgo (2 e 3 de novembro), uma reunião do Grupo de Ação em Segurança Sanitária Global, em Paris (3 e 4 de novembro), e uma conferência sobre grandes constelações de satélites, em Berlim (5 de novembro) (ELYSÉE, 2026). Nas próximas semanas, estão previstas a reunião de chanceleres e a conferência de doadores para Chernobyl, em Paris, em 9 e 10 de novembro; o Fórum de Paris sobre a Paz, em 10 de novembro; e a reunião de ministros do Interior, em Lyon, em 20 e 21 de novembro (ELYSÉE, 2026).

Referências

AL JAZEERA. Why are oil traders refusing to buy Russian diesel after Trump-Putin deal? Doha, 7 nov. 2026. Disponível em: https://www.aljazeera.com/news/2026/11/7/why-are-oil-traders-refusing-to-buy-russian-diesel-after-trump-putin-deal . Acesso em: 8 nov. 2026.

CBS NEWS. 2026 midterm election updates as fallout begins over sweeping Democratic victories. Nova York, 3 nov. 2026. Disponível em: https://www.cbsnews.com/live-updates/election-day-2026-midterms/ . Acesso em: 8 nov. 2026.

ELYSÉE. G7 agenda. Paris: Présidence de la République, 2026. Disponível em: https://www.elysee.fr/en/G7evian/diary . Acesso em: 8 nov. 2026.

EVROPEISKA PRAVDA. G7 to hold separate meeting on Ukraine with Ukrainian foreign minister in attendance. Kyiv, 6 nov. 2026. Disponível em: https://www.eurointegration.com.ua/eng/news/2026/11/6/7249434/ . Acesso em: 8 nov. 2026.

FRANCE. Ministère de la Culture. Museum 7 – réseau des musées du G7 : faire de la coopération muséale un outil durable de dialogue international. Paris, 22 out. 2026a. Disponível em: https://www.culture.gouv.fr/switchToLanguage/440908/fre-FR . Acesso em: 8 nov. 2026.

FRANCE. Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères. Priorities of the G7 Foreign Ministers' Meeting in Paris. Paris, 6 nov. 2026b. Disponível em: https://www.diplomatie.gouv.fr/en/presse-et-ressources/decouvrir-et-informer/actualites/quelles-priorites-pour-la-reunion-des-ministres-des-affaires-etrangeres-du-g7-a-paris . Acesso em: 8 nov. 2026.

FREE PRESS JOURNAL. "Global security demands decisive action": Marco Rubio heads to France for G7 meet, says US will push allies for greater burden sharing to tackle global crises. Mumbai, 9 nov. 2026. Disponível em: https://www.freepressjournal.in/world/global-security-demands-decisive-action-marco-rubio-heads-to-france-for-g7-meet-says-us-will-push-allies-for-greater-burden-sharing-to-tackle-global-crises . Acesso em: 8 nov. 2026.

KYIV INDEPENDENT. Witkoff reveals location, date for new trilateral peace deal negotiations. Kyiv, 3 nov. 2026. Disponível em: https://kyivindependent.com/witkoff-reveals-location-date-for-new-trilateral-peace-deal-negotiations/ . Acesso em: 8 nov. 2026.

KYIV POST. EBRD seeks €500M to repair Chornobyl drone damage. Kyiv, 7 nov. 2026. Disponível em: https://www.kyivpost.com/post/89420 . Acesso em: 8 nov. 2026.

REUTERS. France makes last-minute G7 ministerial location switch amid protest movement. Paris, 5 nov. 2026a. Disponível em: https://www.internazionale.it/ultime-notizie-reuters/2026/11/05/g7-foreign-ministers-meeting-moved-from-marseille-to-paris-sources-say . Acesso em: 8 nov. 2026.

REUTERS. G7 allies to assess impact of Trump's midterm setback at Paris talks. Paris, 8 nov. 2026b. Disponível em: https://www.usnews.com/news/world/articles/2026-11-08/g7-allies-to-assess-impact-of-trumps-midterm-setback-at-paris-talks . Acesso em: 8 nov. 2026.

THE PRIVATE BANKER. Oil swings near $100 as Iran studies Qatari nuclear proposals and offers Hormuz reopening within two days on sanctions relief. [S. l.], 6 nov. 2026. Disponível em: https://leprivatebanker.com/2026/11/06/oil-swings-near-100-as-iran-studies-qatari-nuclear-proposals-and-offers-hormuz-reopening-within-two-days-on-sanctions-relief/ . Acesso em: 8 nov. 2026.

"Mais apoio nem sempre significa melhores resultados": as análises da OCDE sobre a economia global em apoio às políticas estratégicas e de inovação

"More support does not always mean better results": The OECD's insights into the global economy in support of strategic and innovation policies

"Un mayor apoyo no siempre se traduce en mejores resultados": las perspectivas de la OCDE sobre la economía mundial como apoyo a las políticas estratégicas y de innovación

Resumo: Os destaques da OCDE se dividem entre seis atualizações de estudos periódicos de temas variados, tais como políticas agrícolas, ação climática global, regiões e cidades, entre outros.

Palavras-chave: G20; EUA; G7; geopolítica; OCDE; cooperação internacional.

Resumen: *Los aspectos más destacados de la OCDE se reparten entre seis actualizaciones de estudios periódicos sobre temas diversos, como las políticas agrícolas, la acción climática global, las regiones y las ciudades, entre otros.*

Palabras clave*: G20; EE. UU.; G7; geopolítica; OCDE; cooperación internacional.*

Abstract: *The OECD's highlights include six updates to periodic studies on a variety of topics, such as agricultural policies, global climate action, regions, and cities, among others.*

Keywords: *G20; USA; G7; geopolitics; OECD; international cooperation.*

Com o final do ano cada vez mais próximo, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) começou o mês de novembro de 2026 promovendo o lançamento das novas edições de uma série de publicações periódicas que compilam suas análises, dados atualizados e tendências de temas variados. Nesse sentido, as mesmas são brevemente identificadas e apresentadas a seguir.

A primeira delas é o relatório *"Agricultural Policy Monitoring and Evaluation 2026: Enhancing resilience in a world of interconnected risks"*, parte de uma iniciativa da organização para a produção de pesquisas e análises anuais sobre políticas, tendências e temáticas relativas à agricultura, oferecendo uma visão sobre a natureza crescente da complexidade da política agrícola. A última versão do estudo periódico busca reportar sobre a implementação, o monitoramento e a avaliação de políticas agrícolas em 56 países, incluindo os 38 países participantes da OCDE, 5 Estados-Membros europeus não pertencentes à OCDE e 13 economias emergentes – com o Brasil incluído no último grupo. É também interessante destacar que o documento contém em si seções dedicadas especialmente para os casos estudados, com informações, dados, análises e recomendações individuais e próprias relativos aos países e agrupamentos regionais abrangidos em seu foco.

Assim, o cenário apresentado pelo relatório revela que o apoio governamental à agricultura aumentou em US$ 121 bilhões – quase 15% – entre o período de 2023 e 2025, atingindo um nível recorde na área. Grande parte desse apoio concentrou-se em respostas de curto prazo a crises sucessivas e choques globais mais frequentes e interconectados, em detrimento do fortalecimento da resiliência do setor diante de riscos futuros, de acordo com o relatório. Já o apoio total ao setor alcançou uma média de US $ 885 bilhões por ano entre os anos de 2023 e 2025 e quase metade desse ainda ocorre sob formas com mais probabilidade de distorcer a produção e o comércio – alternando preços de mercado, subsidiando insumos ou vinculando pagamentos aos volumes produzidos. Tal aumento reverte um declínio de décadas no apoio agrícola em relação à produção.

Outro ponto de destaque do relatório foi a análise das distintas formas como os governos forneceram seus apoios. Em muitas economias emergentes, o auxílio veio principalmente através de políticas que mantiveram os preços agrícolas internos acima dos preços internacionais, isolando seus mercados internos a fim de os proteger de choques externos, enquanto os países membros da OCDE dependiam mais fortemente de despesas públicas diretas, incluindo assistência de emergência em casos de catástrofes.

A organização internacional, no entanto, adverte que uma intensificação no apoio não necessariamente produz melhores resultados, com as medidas muitas vezes afetando e elevando o custo para famílias e reduzindo eficiência, e advoga em favor de um maior investimento em inovação e infraestrutura para ajudar os agricultores a produzir mais ou menos e os auxiliar na preparação e mitigação do próximo choque, não somente ter uma postura reativa e compensá-los pelo choque anterior.

Ao seu fim, a OCDE apresentou a recomendação de uma agenda de políticas de quatro pontos prioritários visando provocar a melhora na resiliência dos sistemas agrícolas e alimentares e, ao mesmo tempo, a reforma e a otimização de políticas relacionadas nos países:

1. Direcionar o apoio de forma mais eficaz, reduzindo a dependência de medidas que distorcem a produção, os preços e o comércio, ao passo que se ampliam as ferramentas de gestão de risco e os instrumentos orientados para resultados.
2. Reforçar as políticas de gestão de risco sistêmico para ajudar o setor agrícola a antecipar, adaptar-se e gerenciar choques futuros dentro de marcos normativos estáveis e mercados internacionais abertos, minimizando a necessidade de respostas pontuais a crises.
3. Investir mais na resiliência de longo prazo por meio de pesquisa, inovação, conhecimento, infraestrutura e outros bens públicos que apoiem o crescimento sustentável da produtividade e a resiliência.
4. Alinhar melhor as políticas aos objetivos de sustentabilidade, fortalecendo incentivos, regulamentações, bem como monitoramento e avaliação.

Outra publicação lançada na quinzena foi o relatório *"The Climate Action Monitor 2026"*, que faz parte do Programa Internacional de Ação sobre o Clima (IPAC, em sua sigla em inglês). Dirigido a formuladores de políticas e profissionais da área, a mais recente atualização da produção anual fornece perspectivas e informações sobre a ação climática global e o progresso em direção às metas de zero emissões líquidas de carbono para 52 países membros da OCDE e países parceiros. A edição apresenta ainda uma análise sobre eventos climáticos extremos, em especial sobre a maior frequência e intensidades de ondas de calor e secas prolongadas, com implicações crescentes para a saúde, a infraestrutura e a atividade econômica. O documento também examina como as tendências recentes de emissões e as metas de médio prazo se relacionam com os objetivos nacionais de longo prazo, atentando como embora as políticas de mitigação tenham continuado a se expandir em todas as regiões ao longo da última década, o ritmo de progresso desacelerou e persistem diferenças significativas no escopo, no rigor e na composição do conjunto de políticas adotadas pelos países.

Na esteira dessa discussão, a organização econômica também publicou a nova edição de seu estudo bienal onde analisa como as condições econômicas, sociais, demográficas e ambientais variam entre regiões e cidades nos países da OCDE e fornece evidências comparáveis em escala internacional no tema, o relatório *"OECD Regions and Cities at a Glance 2026"*. Para além das médias nacionais, o documento busca ainda investigar onde pessoas e empresas estão se beneficiando de novas oportunidades e onde persistem lacunas em termos de produtividade, emprego, habitação, dinâmicas populacionais, acesso a serviços e exposição a riscos climáticos.

A edição de 2026 dedica atenção especial à geografia da inteligência artificial e das atividades baseadas no conhecimento, à acessibilidade da moradia, ao envelhecimento e declínio populacional, ao acesso à infraestrutura social e comunitária, e à crescente exposição ao estresse térmico. Ela também explora como essas tendências interagem, moldando a capacidade de diferentes locais de atrair pessoas, criar oportunidades e se adaptar às mudanças. O documento fornece dados comparativos para formuladores de políticas em nível nacional, regional e local, pesquisadores e outros que buscam compreender como o local onde as pessoas vivem afeta as oportunidades econômicas, a qualidade de vida e a resiliência às mudanças futuras.

Já no relatório intitulado *"The Ocean Economy at a Glance"*, as atenções da OCDE recaem sobre a economia azul (ou economia oceânica), um pilar relevante à prosperidade global, e oferecendo uma visão geral abrangente da contribuição dos oceanos para os sistemas alimentares, o transporte marítimo, a energia, os minerais, o turismo, o emprego, a inovação e as descobertas científicas. A exemplo, é sinalizado que a economia azul atingiu, em 2025, o patamar sem precedentes de US$ 3,5 trilhões, enquanto também sob elevadas pressões sobre os ecossistemas e recursos marinhos, ameaçando a saúde dos oceanos e evidenciando as fragilidades e limites dos atuais arranjos de governança no setor. O documento fornece então aos formuladores de políticas novas referências e dados necessários para promover uma economia oceânica mais produtiva, inovadora, sustentável, resiliente e, segundo a própria OCDE, bem governada.

Outro estudo publicado na quinzena foi o *"Latin American Economic Outlook 2026: Deepening Integration into a Changing Global Economy"*. Produto de uma parceria entre a organização e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e a Comissão Europeia, o relatório de 2026 revela que apesar da região estar bem posicionada para aproveitar as transformações tecnológicas, ambientais e geopolíticas que estão remodelando a economia global, a mesma permanece insuficientemente integrada à economia global, com laços regionais frágeis, somados a lacunas em infraestrutura, financiamento, qualificação e regulação, limitando seu imenso potencial. Desse modo, as organizações autoras do documento insistem que uma integração regional mais robusta e parcerias internacionais poderiam auxiliar a destravar essas oportunidades, acelerando a inovação, gerando empregos de qualidade e promovendo um crescimento mais resiliente e sustentável.

Por fim, o último destaque do presente informe é o documento *"OECD Digital Economy and Society Outlook 2026"*, onde a organização se dedica a identificar e avaliar tendências e análises sobre a economia digital e seus impactos sociais e econômicos na sociedade, analisando a evolução das prioridades, políticas e governança no âmbito digital. Assim, nota-se como a adoção de inteligência artificial está se expandindo rapidamente nas economias da OCDE, porém lacunas significativas entre empresas e gerações correm o risco de limitar os benefícios da transformação digital.

Referências

OECD. Agricultural Policy Monitoring and Evaluation 2026: Enhancing resilience in a world of interconnected risks. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/2c7f3be1-en.

OECD. Government support to agriculture grew by 15% in the last two years and much of it is distortive, says OECD. OECD [Internet]. 2026 Nov 02 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/10/government-support-to-agriculture-grew-by-15-per-cent-in-the-last-two-years-and-much-of-it-is-distortive-says-oecd.html.

OECD. The Climate Action Monitor 2026. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/8f3c692e-en.

OECD. Rising exposure to extreme heat and droughts poses growing risks to economies, OECD finds. OECD [Internet]. 2026 Nov 05 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/11/rising-exposure-to-extreme-heat-and-droughts-poses-growing-risks-to-economies-oecd-finds.html.

OECD. OECD Regions and Cities at a Glance 2026. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/1fc64125-en.

OECD. The Ocean Economy at a Glance. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/da6da926-en.

OECD, Economic Commission for Latin America and the Caribbean, CAF Development Bank of Latin America, European Commission. Latin American Economic Outlook 2026: Deepening Integration into a Changing Global Economy. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/83a299be-en.

OECD. OECD Digital Economy and Society Outlook 2026. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://doi.org/10.1787/022ed474-en.

OECD. AI adoption accelerates across the OECD, but major gaps persist among businesses and generations. OECD [Internet]. 2026 Nov 05 [cited 2026 Nov 06]. Available from: https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/11/oecd-digital-economy-and-society-outlook-2026.html.